



Olavo Antunes de Aguiar Ximenes*

A teoria crítica de Postone e os *Grundrisse* de Karl Marx: apontamentos¹

Resumo: O artigo resgata a importância dos *Grundrisse* dentro da releitura marxista de Moishe Postone. É nos cadernos de 1857-8 que nosso autor encontra os elementos para repensar as categorias mais básicas da crítica da economia política. Em movimento paralelo, procuramos mostrar a consequência da teoria de Postone para a análise de movimentos sociais.

Palavras-chave: Moishe Postone, *Grundrisse*, Karl Marx, luta de classe, movimentos sociais.

Abstract: The article emphasizes the importance of the *Grundrisse* for Moishe Postone's Marxist rereading. It's in the 1857-8 Notebooks that our author finds out the elements to rethink the most basic categories of the critique of political economy. At the same time, we shall demonstrate the consequences of Postone's theory for the analysis of social movements.

Key-words: Moishe Postone, *Grundrisse*, Karl Marx, class struggle, social movements.

* Doutorando em Filosofia-IFCH-Unicamp. E-mail para contato: oaaximenes@gmail.com . Agradece-se ao convênio FAPESP e CAPES pelo financiamento da pesquisa de doutorado do autor (processo no. 2017/01178-9). ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-4552-3588>

¹ Partes dos argumentos desenvolvidos neste artigo apareceram pela primeira vez em minha dissertação de mestrado "Aproximação à categoria de modo de produção nos *Grundrisse* (1857-1858) de Karl Marx" defendida em 2017 no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp em Campinas/SP. Esse mestrado contou com o financiamento da CNPq (processo no. 131475/2015-0).

Introdução

Moishe Postone desenvolveu uma teoria tão rica em consequências quanto complexa e polêmica em seu livro seminal de 1993 *Time, Labor, and Social Domination*². Nessa obra, o autor procurou mostrar as limitações teóricas de inúmeros intérpretes, desde Althusser e Lukács da *Ontologia* passando por Habermas. Tanto é assim que um dos primeiros impulsos argumentativos do livro é cunhar o conceito de *marxismo tradicional*, no qual embarcariam praticamente todos intérpretes marxistas com exceção do próprio Postone.

A teoria crítica do capitalismo defendida pelo historiador canadense possui, além disso, uma quantidade imensa de teses, de consequências e de implicações. Postone postula, dentre outras coisas, que Marx teria abandonado o materialismo histórico e que a luta de classes se moveria somente dentro da lógica capitalista. A título de ilustração, só no capítulo 4 *Trabalho abstrato*, o autor apresenta ao menos quatro teses básicas. Primeiro, a teoria do valor deveria ser lida como a teoria do fetichismo; segundo, o trabalho no capitalismo constitui a própria sociedade; terceiro, o trabalho em outras sociedades não constitui essas sociedades; por fim, somente no capitalismo o trabalho enseja a dialética das forças produtivas e relações de produção. Reconstruir somente essas quatro teses, de maneira alguma auto-evidentes, de um único capítulo do livro já seria um trabalho hercúleo.

Cabe também lembrar que para Postone a contradição central não é mais aquela entre capital e trabalho, mas entre valor e riqueza material. Assim como a dominação central passa ser a dominação impessoal e abstrata. A mais-valia não possui mais um sentido crítico, pois a sua extração pelas classes não trabalhadoras não é mais o aspecto central da expropriação capitalista. O proletariado deixa de ser considerado o sujeito revolucionário por excelência. Paralelamente, o desenvolvimento das forças produtivas (relido na dialética da transformação e da reconstituição) não entraria em contradição com as forças produtivas, segundo nosso autor; antes, esse desenvolvimento recolocaria em outro patamar a dominação capitalista.

Como se vê pelo pequeno apanhado acima, Postone postula diversas teses controversas. Dada a impossibilidade de segui-las todas, esse artigo vai tomar um

² Utiliza-se aqui a versão “reimpressa com correções” de 2003. Todas as traduções desse livro são minhas. As páginas da versão brasileira de *Tempo, trabalho e dominação social* (2014a) são indicadas somente para facilitar a eventual consulta ao livro.

atalho. Vamos apresentar Moishe Postone como leitor dos *Grundrisse* de Karl Marx. Procuraremos mostrar como as bases para as diversas teses e consequências da teoria proposta pelo historiador canadense encontram sua chave de leitura nesses cadernos de estudos de Marx. Por fim, apontaremos também para um déficit essencial da teoria de Postone: a ausência de um sujeito revolucionário capaz de fazer frente à dominação tal como postulada pelo autor.

A centralidade dos *Grundrisse*

Minha leitura dos *Grundrisse* de Marx, uma versão preliminar de sua crítica plenamente desenvolvida da economia política, me levou a reavaliar a teoria crítica que ele desenvolveu em suas obras maduras, particularmente no *Capital*. (POSTONE, 2003, p. 15; 2014a, p. 30, grifos no original)³.

Dentro da tradição marxista, principalmente após a divulgação a partir da década de 1960 dos cadernos conhecidos por *Grundrisse*, surgiu uma série de teóricos que mobilizavam esses cadernos para repensar aspectos centrais da teoria madura de Marx. Em épocas e com sentidos diferentes, Roman Rosdolsky, J.A. Giannotti, Antonio Negri, Enrique Dussel, se voltaram para os *Grundrisse*, seja para reinterpretar o *Capital*, seja para produzir uma crítica renovada do capitalismo. Postone se insere nesse quadro interpretativo geral.

Os *Grundrisse* são fundamentais para nosso autor em sentidos diferentes. É nessa obra que Postone encontra o par conceitual fundamental *valor e riqueza material*⁴, a noção de dominação abstrata, e apontamentos para uma autocrítica de Marx em relação a teorias trans-históricas, ou, de outra forma, indícios do abandono por Marx do materialismo histórico e de noções de filosofia da história. É também na Introdução aos *Grundrisse* que se encontra a famosa afirmação de que as categorias da crítica da economia política seriam determinações de existência. Essa pressuposição é fundamental para nosso autor, na medida em que o permite correlacionar práticas sociais, categorias da crítica econômica e subjetividade, em suma, sistema e ação.

Seria como se o *Capital* e demais obras marxianas formassem o plano de fundo interpretativo no qual o foco recairia sobre os *Grundrisse*. Ou ainda, dito de

³ Vide também: Postone (2003, p. 19 e p. 21; 2014a, p. 34 e p. 36-7).

⁴ A importância desse par conceitual é reconhecida também por Bidet (2015), Camargo (2013) e Prado (2016).

outra maneira, poderíamos afirmar que os *Grundrisse* tornam-se a fonte de entendimento e de leitura do *Capital*⁵.

No entanto, Postone (2003 p. 21; 2014a, p. 36-7) tem que expor os motivos dessa preferência pelos *Grundrisse*. O autor encaminha essa escolha em dois níveis distintos: haveria um problema de ordem teórica e um problema de diagnóstico de tempo presente que o orientam a escolher os *Grundrisse*. Primeiro, por um lado, O *Capital*, em oposição àqueles cadernos, seria *estritamente* imanente ao seu objeto de apresentação, ensejando, desse modo, leituras equivocadas, tais como tomar o trabalho abstrato em sentido fisiológico dentre outras; de outro lado, por ser uma obra inacabada e não plenamente estruturada, os *Grundrisse* deixariam entrever mais claramente a “intenção estratégica geral da análise categorial de Marx”. Em segundo lugar, as análises presentes nos *Grundrisse* sobre o capitalismo manteriam ainda uma significância contemporânea para entender as configurações históricas atuais do sistema capitalista.

Não nos propomos a avaliar a pertinência desses argumentos mobilizados para justificar sua ênfase nos cadernos de 1857-8. O importante a ser retido é que Postone sabe que não é trivial ler uma obra do final da década de 1860 pelas lentes de outra do final da década de 1850. Dito isso, podemos passar a avaliar o uso dos cadernos de 1857-8 pelo nosso autor.

Valor e riqueza material

O que subjaz à contradição central do capitalismo, segundo Marx, é que o **valor** permanece a forma determinante de riqueza e das relações sociais no capitalismo, independentemente dos desenvolvimentos na produtividade; entretanto, o **valor** também torna-se cada vez mais anacrônico em termos do potencial produtivo de **riqueza material** das forças produtivas as quais ele origina. (POSTONE, 2003, p. 197; 2014a, p. 229, destaques são nosso)⁶.

É a partir do famoso trecho sobre o fundamento ou base miserável para a valorização que Postone usa como pedra de toque de sua teoria. A contradição entre

⁵ Bidet (2015, p. 17 e passim) critica Postone por ler Marx a partir dos *Grundrisse*. No entanto, segundo Araujo (2016), o próprio Bidet faz exatamente a mesma coisa em seu artigo.

⁶ Vide também Postone (2003, p. 25, p.169, p. 199, p. 232, passim; 2014a, p.41, p.197, p.231-2, p.267-8) e Marx (2011, p. 588).

capital e trabalho dá lugar para a contradição mais abstrata entre valor e riqueza material, entre compulsão pelo tempo abstrato e potencial criador da espécie. Deste modo, o valor passa a ser identificado como o núcleo duro da dominação capitalista. Por meio desse par conceitual, Postone rearranja a dialética das forças produtivas e das relações de produção⁷ na dialética da transformação e reconstituição e, posteriormente, na dialética do *treadmill* (esteira), para qual cada incremento na produtividade (avanço das forças produtivas) recoloca as determinações do *valor* em um nível ainda mais intenso. Escreve o autor:

A contradição básica no capitalismo, assim vista, está fundada no fato de que a forma das relações sociais e de riqueza, assim como a forma concreta do modo de produção, permanecem determinadas pelo **valor** mesmo que elas se tornem anacrônicas do ponto de vista do potencial material de criação de **riqueza** do sistema. (Postone, 2003, p. 232; 2014a, p. 268, destaque nossos).

A contradição colocada por Postone a partir dos *Grundrisse* entre valor e riqueza se tornam estruturante do seu livro, é partir dela também que se tornam claros não só os aspectos da dominação capitalista, mas também o potencial emancipatório inscrito nesse sistema. O valor corresponderia às formas alienadas, enquanto a riqueza material às formas de produção desenvolvidas pela espécie. Ou, de outra forma, o valor, cujo conteúdo seria dado pelo trabalho, corresponderia a uma forma de mediação quase-objetiva e a riqueza material corresponderia a possibilidade de uma outra forma social de mediação social.

(...) a noção de Marx da contradição fundamental do capitalismo é em última instância aquela entre *potencial* das capacidades gerais da espécie que foram acumuladas e sua *forma existente e alienada* (...) (Postone, 2003, p. 360; 2014a, p.418).

O par valor e riqueza serve como fundamento para Postone reconfigurar passo a passo as categorias mais centrais da crítica da economia política. Além disso, esse

⁷ “Argumentarei que o modo de produção capitalista deve ser entendido não em termos das ‘forças de produção’ técnicas separadas das ‘relações de produção’ sociais, mas em termos da contradição entre **valor** e **riqueza material**, isto é, como a expressão materializada de ambas dimensões do trabalho no capitalismo e, portanto, tanto das forças de produção quanto das relações de trabalho.” (Postone, 2003, p. 199; 2014a, p. 231-2, destaque nosso).

par é o que torna possível se pensar em uma outra forma de sociedade, uma sociedade emancipada, na qual a forma valor deixa de ser a norma social geral. De forma breve, como já dissemos, esse par serve para redefinir o sentido das forças produtivas e relações de produção e da dialética entre ambas, o sentido do desenvolvimento das forças produtivas, e assim por diante. No limite, é o que permite Postone avançar em uma releitura muito peculiar do conceito de capital.

Postone ao conceder um peso tão grande ao *valor* acaba igualmente por conceber em outros termos o que seria a emancipação ou uma sociedade livre.

Emancipação ou abolição do valor

“(...) superar [overcoming] o capitalismo implicaria a abolição – não a realização – da ‘substância’, do papel do trabalho em constituir uma mediação social e, portanto, a abolição da totalidade.” (POSTONE, 2003, p. 157; 2014a, p. 184).

Postone em diversas ocasiões, com graus de intensidade diferente, reconhece sua dívida intelectual para com Lukács⁸. Seja por não considerar as categorias da crítica da economia política como simples categorias econômicas, mas, antes, como determinações do ser; seja pela noção de que a mercadoria e, por conseguinte, o valor, sejam formas estruturantes e irradiadores da sociabilidade capitalista.

Partir do pressuposto de que haja uma forma única estruturante da sociedade, qual seja a forma mercadoria ou o valor, cujos conteúdos são incutidos pelo trabalho, traz consequências para a própria ideia de emancipação e de dominação. No modelo proposto por Postone haveria uma totalidade social contraditória⁹, que a tudo englobaria; desta forma, a emancipação seria entendida como abolição da forma valor.¹⁰ Ou seja, a condição necessária, mas não suficiente,¹¹ para a emancipação seria a abolição desta forma. A dominação característica da sociedade capitalista seria

⁸ “Essa leitura de *O capital* se apropria do entendimento de Lukács das categorias de Marx como algo subjetivo e objetivo, cultural e social.” (Postone, 2014b, p. 60).

⁹ Prado (2016) aponta para alguns críticos da noção de totalidade e de substância de Postone.

¹⁰ Em outro momento, Postone toca neste mesmo assunto: “Esta ordem social [o capitalismo] não pode ser superada historicamente sem abolir a essência mesma, isto é, a função e forma historicamente específica do trabalho.” (POSTONE, 2003, p. 167; 2014a, p. 194-5). Vide também Postone (2003, p. 237, p. 333, p. 376, p.382 e passim; 2014a, p. 272-3, p.387, p. 436, p.443-2).

¹¹ “Embora isso [superar a regulação automática da sociedade] possa não ser condição suficiente para estabelecer o controle autoconsciente da vida social, superar a dominação abstrata é certamente um pressuposto necessário para a realização de tal autodeterminação social.” (POSTONE, 2003, p. 237; 2014a, p. 272).

entendida como uma forma de dominação abstrata efetuada pelo valor. Se a dominação agora é vista de forma abstrata, conseqüentemente a dominação de classe perde sua centralidade. Pois, para Postone, o conceito de dominação concreta não capta a estrutura da dominação mais profunda do capitalismo (Cf. Postone, 2003, p. 3-4; 2014a, p. 17-18).

Se a dominação característica do capitalismo é agora entendida como dominação abstrata, cujos imperativos são devedores da forma valor, então fica claro que Postone atribui ao valor uma função estrutural na sociedade, localizando nele o núcleo duro da dominação capitalista. Isso permite ao nosso autor afirmar:

A dominação abstrata e a exploração do trabalho característica do capitalismo estão fundamentadas, em última instância [ultimately], não na apropriação de mais-valia pelas classes não trabalhadoras, mas na forma do trabalho no capitalismo. (POSTONE, 2003, p. 161; 2014a, p. 188).

Isso *não* significa que não haja dominação pessoal, classista ou que não haja a extração de mais-valia pelas classes trabalhadoras. O que está em jogo para Postone é mostrar que o lócus último da dominação não é exatamente essa exploração sistemática da mais-valia, mas uma dominação que perpassa o todo da sociedade e atravessa em diferentes níveis os indivíduos. A dominação capitalista é também caracterizada por uma determinada dinâmica histórica e lógica moldada pelo valor. Se assim for, há evidentes conseqüências para as práticas políticas e revolucionárias. Não basta nesse sentido tomar de assalto os meios de produção para abolir a forma valor. Para Postone não se trata nem de estabelecer uma teoria de exploração nem achar o sujeito revolucionário. Antes, trata-se de estabelecer uma teoria do núcleo duro capitalista.

Assim, nós vimos que a teoria de Marx não considera relações de classe, estruturadas pela propriedade privada e pelo mercado, como sendo as relações sociais mais fundamentais do capitalismo. Similarmente, o impulso crítico de suas categorias de valor e mais-valia não é simplesmente fundar uma teoria de exploração. A teoria de Marx nem afirma o processo capitalista de produção para criticar os padrões da distribuição capitalista, nem implica que o proletariado seja o sujeito revolucionário que realizará a si mesmo em uma futura sociedade socialista. (Postone, 2003, p. 388; 2014a, p.451).

Em outro sentido também o trabalho proletário não pode ser o horizonte emancipatório. Segundo nosso autor, uma sociedade emancipada deve partir do trabalho morto como ponto de apoio para sua própria condição de possibilidade.

(...) longe de conceber o socialismo como a vitória do trabalho vivo sobre o trabalho morto, Marx entende o trabalho morto – a estrutura constituída pelo trabalho alienado – como não somente o lócus da dominação no capitalismo, mas também como o lócus da possível emancipação. Isso só faz sentido quando a análise crítica de Marx do capitalismo é entendida como uma que aponta para a possível *abolição* do trabalho proletário (“trabalho vivo”), não para sua *afirmação*. (Postone, 2003, p. 256; 2014a, p. 294, grifado no original)

Qual seria então o sujeito ou sujeitos ou o movimento social capaz de agir segundo o horizonte da abolição do trabalho abstrato, da forma valor e que, ao mesmo tempo, não aja dentro dos limites do capitalismo?

Emancipação, luta de classes e movimento sociais

Isso, por sua vez, indica que as mais fundamentais relações sociais centrais à sua crítica [a de Marx] não podem ser adequadamente entendidas em termos de relações de classe, mas como formas de mediação social expressas por categorias – como mercadoria e capital. O sujeito em Marx é como em Hegel: abstrato, e não pode ser identificado com nenhum ator social; além disso, ele se desdobra temporalmente, independentemente da própria vontade. (Postone, 2014b, p. 60).

Uma característica já apontada por comentadores, como Prado (2016) e Bidet (2015), da teoria de Postone é que esse coloca em segundo plano a luta de classes. Sente-se falta ao longo da obra do autor qualquer apontamento estratégico para efetivamente abolir a forma-valor. Além disso, qual seria o ator social poderia efetivamente aboli-la? Afinal, Postone afasta o proletariado e a luta de classes como motor para a emancipação.

De acordo com a lógica da análise de Marx, a classe trabalhadora, antes de incorporar a possibilidade de uma sociedade futura, é a base necessária do presente sob o qual ela sofre; ela está ligada à ordem existente de uma maneira que a faz objeto da história. (Postone, 2003, p. 357; 2014a, p. 414)

Ora, se não é o proletariado, poderíamos, então, pensar que a chave para ação política estaria nas mãos dos movimentos sociais. Contudo, até mesmo o tratamento dos movimentos sociais por Postone é ambivalente, pois, de um lado, os movimentos sociais e, em particular, o movimento dos trabalhadores agem dentro dos limites do capitalismo, muito embora tenham seus méritos ao democratizar a sociedade; de outro lado, eles *podem* apontar para uma nova sociedade. Em que medida eles agem dentro dos limites do capitalismo e em que medida eles podem apontar para uma sociedade emancipada? Ou seja, qual é o critério para distinguir uma ação política voltada para a ampliação, embora democrática, de direitos *dentro do capitalismo* de uma ação política emancipatória, voltada para um para além do capitalismo?

Já podemos observar claramente aqui uma grande diferença da interpretação do nosso autor em relação àquelas que ele designa como marxismo tradicional, a saber, para Postone não há uma relação direta entre as demandas da classe trabalhadora e as demandas que apontariam para além do capitalismo.¹² Pois a negação história do capitalismo não deve ser entendida na chave de oposição entre particularidade (classes não trabalhadoras) e universalidade (classe trabalhadora), já que essa oposição mesma é constitutiva do próprio capitalismo. (Cf. Postone, 2003, p. 368; 2014a, p. 427). Numa citação longa, a argumentação de Postone fica clara:

Essas determinações preliminares implicam que a extensão dos princípios universalistas da sociedade burguesa a largos segmentos da população – isto é, a realização destes princípios – os quais, parcialmente, foram realizados pelos

¹² “Isso implica [a crítica presente nesta obra] que não há continuidade linear entre as demandas e concepções da classe trabalhadora construindo-se e afirmando-se historicamente e as necessidade, demandas e concepções que apontam para além do capitalismo” (POSTONE, 2003, p. 37; 2014a, p. 54). Na análise de Postone não há contraposição entre modo industrial de produção e o capitalismo. Em trecho anterior diz Postone (2003, p. 36; 2014a, p. 53) “essa abordagem rejeita a ideia de que o proletariado represente uma contrapartida social ao capitalismo”. Pois as manifestações da luta de classes são constitutivas do sistema capitalista.

movimentos da classe trabalhadora, assim como por aqueles elementos dos movimentos feministas e movimento de minorias que lutaram por direitos iguais, não devem ser entendidos como um desenvolvimento que aponte para além da sociedade capitalista. (POSTONE, 2003, p. 369; 2014a, p. 428).

É como se Postone possuísse de antemão um critério teórico para avaliar a capacidade emancipatória dos movimentos sociais realmente existentes. Como vimos as ações dos movimentos podem se mover dentro dos limites do sistema, mas isso não exclui a possibilidade de que outras ações desses mesmos movimentos apontem para um ideal emancipatório. Tanto que, não muitas páginas depois, Postone afirma que, dentro outros, o movimento feminista estaria tentando “formular uma nova forma de universalismo, além da oposição de universalidade homogênea e particularidade” (POSTONE, 2003, p.372; 2014a, p. 431).

Com isso fica claro um certo tratamento ambivalente de Postone frente aos movimentos sociais. Eles podem tanto se mover dentro do capitalismo, tendo o mérito de democratizá-lo, como apontar para além do capitalismo. Nota-se que o critério para decidir é extremamente abstrato, qual seja, se os princípios que guiam a ação são de um tipo de universalidade abstrata, tornando operacionalidade desse conceito de Postone no mínimo problemática. Por fim, indicamos mais citação contendo um exemplo de uma atitude ambígua, mas agora em sentido positivo.

Seria possível, à luz desta abordagem, interpretar algumas correntes dentro dos movimentos sociais recentes – notadamente, entre os feministas e de várias minorias – como tentativas de se mover para além da antinomia, associada com a forma social da mercadoria, de um universalismo abstrato e homogêneo e uma forma de particularismo que exclui a universalidade. (POSTONE, 2003, p. 164; 2014a, p. 192)

O ponto central é a tese de que a moderna ideia de igualdade está enraizada na forma mercadoria, ou seja, está ligada a alienação. (POSTONE, 2003, p. 163, p. 366-7; 2014a, p. 191-2, p.424-5). Para mostrar como os movimentos sociais podem tanto agir dentro do capitalismo como apontar para além deste, seria necessário mostrar que a igualdade ou os princípios burgueses estão enraizados na forma mercadoria, na forma valor, em suma, nessa forma que se automeadia e é a origem

da dominação. Então, teríamos que enquadrar os movimentos sociais dentro da perspectiva da efetivação da universalidade abstrata dos ideais burgueses. Para poder, assim, mostrar como é pelo menos parcialmente equivocada a luta pela universalização dos princípios normativos da sociedade burguesa. Isso implica perguntar pelo tipo de ação que seria capaz de apontar para uma outra forma de universalidade ou de particularidade além das formas capitalistas (cf. POSTONE, 2003, p. 368; 2014a, p. 426-7).

Vimos então como a partir do par *valor e riqueza material* Postone conceitua a forma de dominação capitalista como devedora do valor. Isso, por sua vez, acarreta repensar o sentido da luta de classes e o sentido do que seria uma sociedade emancipada. Contudo, esse par conceitual junto com a noção de dominação abstrata não são os únicos elementos dos *Grundrisse*, os quais nosso autor mobiliza. Há ainda outros. Vejamos.

Grundrisse e imanência crítica-histórica

A especificidade histórica das categorias, então, é central para a teoria madura de Marx e sinaliza uma importante distinção entre ela e suas primeiras obras. Esta mudança para uma determinidade histórica [historical determinateness] tem implicações abrangentes para a natureza da teoria crítica de Marx – implicações que são inerentes ao ponto de partida de sua crítica madura. (POSTONE, 2003, p. 138; 2014a, p.164).

Uma das novidades mais impactantes da teoria de Postone é postular a validade histórica estritamente determinada das categorias de Marx a partir dos *Grundrisse*. Isto é, se Marx antes de 1857-1858 tivesse efetivamente elaborado um materialismo histórico, ele o teria abandonado *implicitamente* no final da década de 1850.

O substrato da teoria de Postone é tomar a teoria do valor-trabalho e, particularmente, o duplo caráter do trabalho na sociedade capitalista como algo determinante desta sociedade. O argumento vai mais longe, o trabalho como categoria de análise social e histórica só é determinante na sociedade capitalista, não podendo,

portanto, ser projetado para a história como tal¹³. Para sustentar essa interpretação, Postone precisa avançar em duas grandes frentes, as quais deixaremos indicadas:

(1.) Mostrar o abandono *implícito* de teses trans-históricas por parte de Marx. Para isso Postone (2003, p.138ss; 2014a, p. 164ss) apresenta quatro argumentos: (1.1) a rejeição por Marx da produção material como ponto de partida da análise na Introdução dos *Grundrisse* colocaria em questão a noção de um método trans-histórico. O trecho da Introdução dos *Grundrisse* alvo de disputa teórica seria o compreendido em Marx (2011, p. 39-53). Particularmente: “A *produção em geral* é uma abstração, mas uma abstração razoável, na medida em que efetivamente destaca e fixa o elemento comum, poupando-nos assim da repetição.” (Marx, 2011, p. 41). Postone, nesse ponto, se baseia em larga medida na interpretação de Nicolaus (1993, p. 35ss), presente na apresentação de sua tradução para o inglês dos *Grundrisse*.

Esta análise implica que qualquer teoria que afirme uma lógica imanente à história enquanto tal – seja dialética ou seja evolucionária – sem fundamentar essa lógica em um processo determinado de constituição social (o que é uma proposição improvável), projeta para a história da humanidade as qualidades específicas do capitalismo. (Postone, 2003, p. 306; 2014a, p. 353).

(1.2) Um dos pressupostos do materialismo histórico seria a existência de uma lógica histórica constituída por relações sociais contraditórias, Postone se pergunta no que estaria fundada essa contradição. Esta contradição não poderia estar fundada senão em uma metafísica ou em uma ontologia. Para o autor canadense, só no capitalismo as relações sociais são contraditórias, e isso em função da estrutura interna da sociedade e da forma que o trabalho assume nesta sociedade. Isto é, se existe uma lógica histórica, ela só seria possível no capitalismo. “Sua análise [de Marx] com isso mostra que há de fato uma forma de lógica na história, de necessidade histórica, mas ela é imanente somente à formação social capitalista, não à história humana como um todo.” (Postone, 2003, p. 305; 2014a, p.352). (1.3) A própria

¹³ Trata-se de duas teses complementares de Postone que deixamos indicadas. Primeiro, o trabalho no capitalismo constitui a sociedade. Segundo, o trabalho em outras sociedades não é capaz de constituir essas sociedades. “Trabalho como tal *não* constitui sociedade per se; trabalho no capitalismo, no entanto, *constitui* esta sociedade”. (Postone, 2003, p. 157; 2014a, p.184). “Trabalho em sociedades não capitalistas não constitui a sociedade, pois ele não possui o caráter sintético peculiar que marca o trabalho determinado pela mercadoria. Embora social, ele [o trabalho] não constitui relações sociais mas é por elas constituído.” (Postone, 2003, p. 172; 2014a, p. 200).

exigência dialética de imanência da crítica ao seu objeto, que, no caso, é um objeto histórico, o capitalismo, deveria levar a conclusão de que nenhuma teoria poderia ter validade absoluta. (1.4) A crítica marxiana se justifica tão somente nas categorias da essência do capitalismo. Isto significa que a crítica marxiana só se justifica como crítica *do* capitalismo.

(2.) Por fim, Postone precisa encaminhar e explicitar o papel único que o trabalho cumpre no capitalismo, qual seja só no capitalismo o trabalho torna-se um fundamento social.

Com isso apresentamos algumas linhas mestras de um projeto bem mais ambicioso de interpretação de Marx por Postone baseado nos *Grundrisse*. Nesta reconstrução crítica que tem por objetivo estabelecer uma teoria do núcleo do capitalismo (Cf. Postone, 2003, p. 19; 2014a, p.34), em contraste com interpretações tradicionais do marxismo, acaba-se por deixar de lado inúmeros conceitos caros ao pensamento marxista, como observamos anteriormente, para citar alguns novamente: a mais-valia deixa ter um sentido crítico, a luta de classes não aponta para uma superação do capitalismo, e o conceito de exploração mediado pela ideia da extração da mais-valia perde seu sentido crítico.

*

Salta aos olhos, em um primeiro momento, o absurdo de deixar de lado temas e conceitos tão caros tanto ao pensamento marxiano quanto a sua recepção marxista. Por isso, Postone precisa argumentar que para o nível de reconstrução proposta, não importaria qual teria sido o autoentendimento de Marx de sua própria teoria (Cf. Postone, 2003, p. 19; 2014a, p. 34).

Nesta obra, porém, eu escreverei como se o autoentendimento de Marx fosse aquele implicado pela lógica de sua teoria do núcleo da formação social capitalista. (Postone, 2003, p. 19; 2014a, p. 34).

Isto é, Postone parte do princípio que sua reconstrução *seria* aquela de Marx, apesar de que em Marx houvesse uma tensão interna entre os elementos tradicionais e os elementos pertencentes ao núcleo duro da formação social capitalista. Poderíamos perguntar a Postone: quais foram os critérios mobilizados para se determinar os elementos do núcleo duro da formação capitalista. Pois toda sua reconstrução baseia-se em delimitar um suposto núcleo duro do capitalismo.

Ao reinterpretar a crítica marxiana, tentarei reconstruir sua natureza sistemática e recuperar sua lógica interna. (...) Metodologicamente, minha intenção é interpretar as categorias fundamentais da crítica de Marx da economia política em um jeito mais coerente lógico e sistematicamente poderoso, para trabalhar uma teoria do núcleo do capitalismo – a qual define o capitalismo como tal através de seus vários estágios – implicada por essas categorias. (Postone, 2003, p. 19; 2014a, p. 24).

Esta metodologia de Postone resulta no fato de que ele precisa selecionar os elementos e as categorias do texto marxiano que corresponderiam à análise do núcleo capitalista e de sua trajetória. Logo, ele precisa selecionar os elementos de uma teoria do capitalismo como um todo em oposição a elementos e categorias do texto marxiano que se refeririam a uma crítica datada do capitalismo liberal. Isso poderia causar estranheza a olhos acostumados com reconstruções tradicionais da teoria marxiana. Essa metodologia implica uma seleção brutal dos textos de Marx. Evidentemente, poder-se-ia argumentar, o que está em jogo in extremis seria a produção de uma *teoria crítica*, cuja base fosse Marx, capaz de dar conta dos desdobramentos do capitalismo, não se tratando assim de uma reconstrução tão somente acadêmica ou sistemática da obra marxiana.

Considerações Finais

É fácil se espantar com a aleitura de Postone. É ainda mais tentador todas as vezes em que Postone argumenta sobre a perda da centralidade da luta de classes, da mais-valia, da exploração classista confrontá-lo com inúmeras outras citações e passagens das obras do próprio Marx que parecem contradizê-lo.

Contudo, esse procedimento de mobilizar Marx contra Postone ou, em sentido oposto, Marx a favor de Postone não faz o debate avançar em nível algum. São expedientes fáceis. Postone sabe que escreveu e afirmou coisas muito polêmicas – e até mesmo distantes da letra marxiana. Por isso, sempre será possível caçar uma citação tanto para corroborar quanto para atacar seus posicionamentos. No limite, se queremos entender o que a obra de Postone traz de novo para o debate marxista e

para o debate na teoria crítica, temos que aceitar em alguma medida suas condições de contorno. Como vimos, Postone se coloca como tarefa elaborar uma teoria do núcleo duro capitalista em contraste a teorias de suas configurações históricas passadas.

Nesse sentido não se trata em desvelar o que Marx *realmente teria dito*; antes, o que está em questão é como, a partir de Marx, podemos sair dos dilemas teóricos e políticos da fortuna marxista e da tradição da teoria crítica. Se Postone foi feliz ou não em sua empreitada, cabe à leitora e ao leitor julgar. Nosso artigo teve por objetivo, antes de mais nada, em tornar claras algumas das vigas mestras dessa teoria de fôlego proposta por Postone. Teoria capaz de criticar tanto Althusser e Lukács quanto Horkheimer e Habermas.

Por fim, lembramos também que para Postone não se trata de expor a melhor teoria, nem de afirmar que a sua seja a melhor. Ao contrário, o objetivo geral de sua obra é sugerir uma mudança dos termos do debate.

Embora esta reinterpretação das categorias básicas da teoria crítica madura de Marx torne plausível a noção de que sua teoria possa servir como base para uma teoria social crítica poderosa do mundo contemporâneo, eu não reivindico ter demonstrado a adequação desta teoria como uma análise do capitalismo ou da sociedade moderna. Minha reinterpretação transforma, no entanto, fundamentalmente os termos com os quais a questão da adequação da análise categorial de Marx deve ser colocada. (Postone, 2003, p. 394; 2014a, p. 457-6)

Cabe aos leitores julgar se a proposta de mudança dos termos do debate é factível ou não, para além de uma guerra de citações das obras de Marx.

Referências bibliográficas

- ARAUJO, P.H. “Notas críticas ao artigo Miséria na filosofia marxista: Postone leitor d’O Capital, por Bidet”. In: *Verinotio*, n.22, ano XI, out/2016, p.120-151
- BIDET, J. “A miséria na filosofia marxista: Moishe Postone leitor do *Capital*”. In: *Crítica Marxista*, n. 41, pp.9-50, 2015. [2014]

- BRAGA, H.P. “Conversa com Moishe Postone (Entrevista)”. In: In: *Verinotio*, n.22, ano XI, out/2016, p.89-99.
- CAMARGO, S. “Teoria Crítica e dominação na obra de Moishe Postone”. In: *Mediações*, Londrina, V.18 N.2, p. 118-132. Jul/Dez 2013.
- HOMS, Clément. “Algumas divergências entre Moishe Postone e a “Wertkritik””. *O olho da história*, n. 21, dez. 2014.
- KEANE, John; SINGER, Brian. “On Conceptual Archaeology: a Reply to Postone and Reinicke”. In: *TELOS* 22 (Winter 1974-75). P148-153.
- LUKÁCS, G. (2003). *História e Consciência de Classe*. São Paulo: Martins Fontes.
- _____. (1978). *Geschichte und Klassenbewußtsein. Studien über marxistische Dialektik*. 5. Auflage. Darmstadt: Luchterhand.
- MARX, K. (2011). *Grundrisse*. Tradução Mario Duayer, Nélcio Schneider. – São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro: Ed. UFRJ. [1857-58]
- MEDEIROS, J.L. “Postone contra ou com Lukács? Por uma reinterpretação de Marx”. In: *Margem Esquerda* n.16, junho de 2011, p.75-88.
- MUSTO, Marcello (ed.). *Karl Marx’s Grundrisse: Foundations of the critique of political economy 150 years later*. London: Routledge, 2008.
- NICOLAUS, Martin. (1993). *Foreword* in: *Grundrisse – Foundations of the Critique of Political Economy (Rough Draft)*. Translated by Martin Nicolaus. London: Penguin Books. [1973]
- POSTONE, Moishe; REINICKE, Helmut. “On Nicolaus’ ‘Introduction’ to the Grundrisse”. In: *TELOS* 22 (Winter 1974-75).pp.130-148.[1973]
- POSTONE, Moishe. *Time, Labor, and Social Domination – a reinterpretation of Marx’s critical theory*. New York: Cambridge University Press, 2003 [1993].
- _____. *Rethinking Capital in light of the Grundrisse*. In: MUSTO, Marcello (ed.) (2008).
- _____. *Tempo, trabalho e dominação social. Uma reinterpretação da teoria crítica de Marx*. Trad. Amilton Reis e Paulo César Castanheira. São Paulo: Boitempo, 2014a. [1993].
- _____. “Repensando o capitalismo e seus futuros”. In: *Verinotio*, n.22, ano XI, out/2016, p.76-88
- _____. “O sujeito e a teoria social: Marx e Lukács sobre Hegel”. In: *Margem Esquerda*, n. 23, out/2014b, pp.53-72. [2009]
- _____. “Teorizando o mundo contemporâneo”. In: *Novos Estudos*, n.81, jul/2008, pp.79-97.

PRADO, E. F.S. “Valor, capital e luta de classes em Moishe Postone”. In: *Verinotio*, n.22, ano XI, out/2016, pp. 100-119.

VIEIRA, Z. “Tempo, trabalho e dominação social – uma reinterpretação da teoria crítica de Marx” (Resenha) In: *Crítica Marxista*, n. 41, pp.163-165, 2015.

© 2017 Olavo A. de Aguiar Ximenes. Esse documento é distribuído nos termos da licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional (http://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/deed.pt_BR).